ENTRELUGAR

UMA CIDADE ALTEROSA:
PENSAMENTOS, PROGRESSOS E PERSPECTIVAS DA CLIMATOLOGIA NO XIII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA

UNE VILLE ALTÉRÉ:
PENSÉES, PROGRÈS ET PERSPECTIVES DE LA CLIMATOLOGIE EN XIII SYMPOSIUM BRÉSILIEN SUR LA CLIMATOLOGIE GÉOGRAPHIQUE

UNA CIUDAD ALTEROSA:
PENSAMIENTOS, PROGRESOS Y PERSPECTIVAS DE LA CLIMATOLOGÍA XIII SIMPÓSIO BRASILEÑO DE CLIMATOLOGÍA GEOGRÁFICA

Edson Soares Fialho
Professor do Departamento de Geografia da UFV
Coordenador do Laboratório de Biogeografia e Climatologia
e membro permanente do Programa de Pós-graduação em
Geografia da UFV e UFES. E-mail: fialho@ufv.br

Resumo: Os eventos técnico-científicos no Brasil são incontáveis, porém a memória destes se perde ao relento e ao sabor do tempo. Os registros dos debates e das contribuições fazem parte de um processo de construção dos avanços futuros, que não se restringem apenas à publicação de artigos que, muitas vezes, em função do atual formato dos mesmos, não abre espaço para discussões sobre qualquer temática que seja. Por isso, a importância dos registros dos eventos, pois se pode reconstruir e construir um porvir mais solidário dentro da própria ciência que, no atual contexto, se encontra muito fragmentado, mas que alcançará novas possibilidades quando, de fato, se reconectar. Nesse contexto, o presente texto apresenta os momentos de relevância dentro do XIII Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica realizado na cidade de Juiz de Fora (MG), em novembro de 2018.

Palavras-chave: Simpósio, Climatologia geográfica e Geografia.

Résumé: Les événements technico-scientifiques au Brésil sont innombrables, mais leur mémoire est perdue à la belle étoile et au goût du temps. Les records des discussions et des contributions font partie d'un processus de construction des progrès futurs, qui ne se limitent pas à la publication d'articles, qui souvent, en raison de leur format actuel, n'ouvre pas de place pour des discussions sur un sujet qui c'est. Pour cette raison, l'importance des enregistrements d'événements, car avec cela, on peut reconstruire et construire un avenir plus favorable au sein même de la science que, dans le contexte actuel, est très fragmenté, mais atteindra de nouvelles possibilités quand, en fait, reconnecter. Dans ce contexte, le présent text présente les moments importants du XIII Symposium Brésilien de Climatologie Géographique qui s'est tenu dans la ville de Juiz de Fora (MG), en novembre 2018.
Mots-clés: Symposium, Climatologie géographique et Géographie.

Resumen: Los eventos técnico-científicos en Brasil son incontables, pero la memoria de éstos se pierde al relento y al sabor del tiempo. Los registros de los debates y de las contribuciones forman parte de un proceso de construcción de los avances futuros, que no se restringen sólo a la publicación de artículos que, muchas veces, en función del actual formato de los mismos, no abre espacio para discusiones sobre cualquier temática que sea. Por eso, la importancia de los registros de los eventos, pues se puede reconstruir y construir un porvenir más solidario dentro de la propia ciencia que, en el actual contexto, se encuentra muy fragmentado, pero que alcanzará nuevas posibilidades cuando, de hecho, se reconectar. En este contexto, el presente texto presenta los momentos de relevancia dentro del XIII Simposio Brasileño de Climatología Geográfica realizado en la ciudad de Juiz de Fora (MG), en noviembre de 2018.
Palabras clave: Simposio, Climatología geográfica y Geografía

INTRODUÇÃO

A publicação de trabalhos na forma de Anais de eventos técnico-científicos é um dos principais veículos de divulgação de trabalhos acadêmicos. Isso porque esse meio de divulgação possui grande agilidade e alcance, qualidades fundamentais para a popularização dos conhecimentos científicos (DOYLE; JULIAN, 2005), apesar da

desvalorização desse meio de comunicação e em razão do atual sistema de avaliação de produção bibliográfica que valoriza, as revistas científicas (THOMAS, 2011).

Apesar dessa contradição, os eventos constituem um ambiente de debate e discussão de ideias, congraçamento, parcerias, contribuindo para o avanço da ciência.

Nesse contexto, insere-se no texto em questão, dividido em duas partes, o objetivo de relatar os acontecimentos científicos durante o XIII Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica e, também, apresentar um mapeamento do Estado da Arte, através do mapeamento da produção acadêmica.

MOMENTOS DO SBCG-2018

O Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica (SBCG) teve seu início em 1992, na cidade de Rio Claro-SP. Em 2018, chegou-se ao XIII SBCG, realizado, mais uma vez, nas alterosas[1], no campus da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora-MG, entre 6 e 10 de novembro, sob a temática: A Climatologia Geográfica Brasileira: o ensino, os métodos, as técnicas e os desafios para o século XXI.

Em relação ao histórico de publicação e participação no evento, pode-se observar que, ao longo dos 13 eventos, o número de participantes e de trabalhos apresentou um registro de aumento (Tabela 1). A importância crescente do SBCG, ao longo de 26 anos, demonstra sua relevância dentro do cenário da ciência geográfica, bem como, a inserção da Geografia no debate acerca das mudanças climáticas por meio do viés geográfico, que procura destacar as relações entre a sociedade e natureza.

Ainda ao longo do caminho, durante o IV SBCG, na cidade do Rio de Janeiro (2000), foi fundada a Sociedade Brasileira de Climatologia, conforme relato do processo de criação publicado por Zavatini (2000, p. 86) em resenha de evento publicada na revista Geografia de Rio Claro.

Hoje se denomina Associação Brasileira de Climatologia (ABClima), que registra no mundo digital o seu endereço eletrônico: *http://abclima.ggf.br/*, com fins de divulgação da parte institucional relacionada às diretorias eleitas em assembleias realizadas durante a realização dos Simpósios, como de eventos internacionais e

[1] Alterosas é o feminino de alteroso, que significa: Cheio de altivez, imponente. altivo e altaneiro. Mas, tal substantivo, geograficamente, tem como significado ligado ao relevo montanhoso, significando "Cidade das Montanhas" , nome baseado na topografia local - Minas Gerais.

nacionais, cursos, Laboratórios de Climatologia e publicações de fotos históricas do acervo de memória da instituição, obras raras e os Anais dos encontros até então ocorridos, além da Revista Brasileira de Climatologia (RBCLIMA-*http://revistas.ufpr.br/revistaabclima*), que teve início das suas atividades no ano de 2005. Esse canal de publicização hoje é muito importante para ampliar e dar luz às discussões e debates científicos e acadêmicos.

Tabela 1 - Evolução do número de trabalhos e participantes ao longo dos treze SBCGs.

Edição	Período e Local	Trabalhos inscritos	Participantes
I	1 a 4/12/1992 – Rio Claro-SP	74	90
II	26 a 30/11/1996 – Presidente Prudente-SP	93	120
III	10 a 13/10/1998 – Salvador-BA	100	300
IV	27/11 a 1/12/2000 Rio de Janeiro-RJ	128	290
V	4 a 6/10/2002 – Curitiba-PR	129	330
VI	13 a 16/10/2004 – Aracaju-SE	135	400
VII	20 a 25/8/2006 – Rondonópolis-MT	159	380
VIII	24 a 29/8/2008 – Alto do Caparaó - MG	255	250
IX	26 a 30/9/2010 – Fortaleza-CE	324	530
X	14 a 22/11/2012 – Manaus-AM	226	325
XI	14 a 17/10/2014 – Curitiba-PR	227	450
XII	25 a 29/10/2016 – Goiânia - GO	245	445
XIII	6 a 10/11/2018 – Juiz de Fora-MG	289	.436

Organizado por Edson Soares Fialho (2019).

Fonte: Anais dos SBCGs (2018).

O XIII SBCG, sob a coordenação geral da Profa. Dra. Cássia de Castro Martins Ferreira, coordenadora do Laboratório de Climatologia e Análise ambiental (*http://www.ufjf.br/labcaa*) e o Prof. Dr. Fábio Sanches, que era, até então, presidente da Associação Brasileira de Climatologia – ABClima), apresentou como estrutura três conferências, quatro mesas redondas, uma oficina, sete minicursos e dois trabalhos de campo (o primeiro, uma visita técnica a área central da cidade e o segundo no Parque Estadual da Serra de Ibitipoca, em Lima Duarte-MG). Compuseram, igualmente, as atividades do simpósio a Assembleia da ABClima e as sessões de apresentação de trabalhos orais, distribuídos em nove eixos temáticos, conforme pode ser visualizado na Tabela 2, que, apesar de registrar um número de trabalhos publicados de 289, apenas 174 tiveram apresentação concretizada no evento.

Tabela 2 - Apresentações de trabalhos por eixos temáticos.

Eixos	Presentes	Faltas
1 - Teoria e método em climatologia	4	1
2 - Climatologia urbana	39	32
3 - Climatologia regional e agroclimatologia	17	12
4 - Ensino de climatologia	17	11
5 - Variabilidade, mudanças climáticas e eventos extremos	53	32
6 - Técnicas e tecnologias aplicadas à climatologia	17	10
7 - Clima, saúde e qualidade de vida	12	10
8 - Modelagem aplicada a climatologia	8	3
9 - Climatologia: temas transversais e contemporâneos	7	4
Sub-Total	174	115
Total de trabalhos inscritos e publicados nos Anais	289	

Organizado pelos autores.

Fonte: Anais do XIII SBCG (2018).

Houve um número expressivo de falta. Aqui cabe destacar que, antes da data do evento, a organização recebeu a informação de vários autores de que não poderiam ir, pois suas respectivas universidades não teriam condição de custear a participação dos mesmos. Efeitos do processo de contingenciamento e cortes nos recursos destinados às ações de pesquisa no Ensino Superior nas esferas federal e estadual.

A abertura do evento foi ministrada pelo Prof. Dr. Hugo Romero (Universidad de Chile), que retornou a partilhar conosco seu conhecimento e experiência, após sua primeira participação em 2000, nos presenteando com a conferência, cuja temática foi a Adaptação Climática: planos, perspectivas e experiências, no deserto do Atacama, no Chile (Figura 1).

Em sua fala, o conferencista nos levou a refletir sobre as relações de dependência da sociedade moderna e as soluções das populações tradicionais andinas, desqualificadas e desconsideradas pelo saber científico. Tanto assim que no Chile, país rico em recursos minerais, capazes de fornecer o aquecimento noturno das casas, a população não tem acesso aos aquecedores elétricos, tendo que usar os aquecedores a gás, que liberam grande quantidade de gás carbônico, o que pode levar a óbito por asfixia, caso não sejam desligados durante a noite. Isso sim é contraditório. Como então falar de adaptação? Ou melhor, adaptação para quem?

Figura 1 - Conferência de abertura do Prof. Hugo Romero da Universidad do Chile, no XIII SBCCCG, auditório do ICH-UFJF,



Fotografia: Edson Soares Fialho, 6 de novembro de 2018.

A segunda conferência abordou as técnicas e tecnologias aplicadas à Climatologia, proferida pelo Prof. Dr. Emerson Galvani (USP). Para isso, o mesmo demonstrou os resultados da pesquisa realizada no sistema costeiro Cananéia-Iguape, na escala microclimática, com objetivo de compreender a integração entre os aspectos físicos de uma área de preservação com o sistema mangue.

A conferência de encerramento discutiu a Climatologia e os desafios para o século XXI: Conexões e teleconexões[2] trópico-polo, pronunciada pelo Prof. Dr. Francisco Eliseu Aquino (UFRGS), coordenador da Divisão de Climatologia Polar e Subtropical do Centro Polar e Climático do Instituto de Geociências/UFRGS (*https://www.ufrgs.br/centropolar/*).

As mesas redondas abordaram temas relacionados ao Ensino da Climatologia Geográfica, com a presença entre os debatedores da Profa. Dra. Ercília Steinke (UNB) e o Prof. Dr. Rafael Straforine (UNICAMP). A segunda mesa debateu o clima urbano e contou com o Prof. Dr. Edson Soares Fialho (UFV); Prof. Dr. José Carlos Ugeda Júnior (UFMT); Profa. Dra. Margarete Cristiane de Costa Trindade Amorim (UNESP-PP) e o Prof. Dr. Ranyére Silva Nóbrega (UFPE).

A terceira se pautou na discussão dos temas transversais contemporâneos, com a participação do Prof. Dr. Francisco Mendonça (UFPR); Prof. Dr. Jackson M.

[2] O termo teleconexão se refere à ligação entre anomalias climáticas locais e forçantes localizadas geralmente a grandes distâncias.

Rodrigues (UFF-Angra dos Reis) e a Profa. Dra. Eleonora Sad de Assis (UFMG). A última mesa redonda, por sua vez, discutiu o papel da modelização e as novas tecnologias na Climatologia, com o Prof. Dr. Rildo A. Costa (UFU-Pontal); Pedro Murara (UFFS-Erechim); Prof. Dr. Gustavo Zen (USP-São Carlos) e a Profa. Dra. Deise Ely (UEL).

No penúltimo dia, uma mesa sobre a pesquisa em Climatologia Geográfica discutiu, com os debatedores Prof. Dr. Emerson Galvani, Prof. Dr. Francisco Mendonça e a Profa. Dra. Margarete C. C. T. Amorim, os óbices, contextos e perspectivas da pesquisa na Climatologia, junto aos órgãos de fomento e instâncias de representação.

Ao final das atividades do dia, a Assembleia da Associação Brasileira de Climatologia (ABClima) promoveu a rotina de apresentação do balanço da administração da Gestão 2016-2018, cujo presidente, Fábio Sanches (UFJF), coordenou os trabalhos. Dentre os objetivos a serem alcançados pela próxima diretoria, está a obtenção do CNPJ da ABClima, que se faz ainda necessário, principalmente depois do comunicado do Prof. Francisco Mendonça (UFPR) a decisão da Universidade Federal do Paraná em não mais permitir que revistas de associações permaneçam em sua plataforma de revistas on-line. Após esse momento, foi realizado o processo de apresentação de candidaturas à próxima sede. A cidade de Recife, apresentada no último Simpósio pelo Prof. Dr. Ranyére Nóbrega (UFPE), endossada pela assembleia de Goiânia deveria ser a sede em 2020, declinou a sua indicação.

Dito isso, em prosseguimento, duas candidaturas se apresentaram. A primeira, de João Pessoa-PB (UFPB), proposta apresentada pelo Prof. Dr. Marcelo Moura em associação a UFPE. Além desta, a Unicentro (Guarapuava-PR), por meio Prof. Dr. Aparecido Ribeiro de Andrade se apresentou sua intenção. Porém, em sua fala, considerando o princípio do rodízio das regiões, que vem sendo respeitado nos últimos eventos, argumentou que o próximo deveria ser realizado no Nordeste, sendo em 2022, retirando a candidatura, mas estaria disposta a sediar o XV SBCG.

Sendo assim, João Pessoa foi confirmada como a sede do XIV SBCG, após a apresentação do vídeo institucional pelo Prof. Marcelo Moura. O vídeo de apresentação da candidatura pode ser acessado pelo endereço: *https://www.facebook.com/abclimatologia/videos/317460945742758/*.

Como último ponto de pauta, a eleição da nova diretoria foi eleita, como pode ser vista na Tabela 3, sob a presidência da Profa. Dra. Margarete Amorim (UNESP-PP), felizmente uma presidenta, depois de 16 anos, depois da primeira presidenta Profa. Ana Maria de Paiva Macedo Brandão e fundadora da ABClima. Uma característica dessa nova diretoria é a juventude, que participam do conselho deliberativo e fiscal.

Tabela 3 - Diretoria da Gestão da ABCLIMA (2018-2020).

Diretoria 2018-2020	Nome	Instituição
Diretora Presidente	Margarete Cristiane de C. T. Amorim	UNESP/Pres.Prudente
Vice Diretor Presidente	Ranyere da Silva Nóbrega	UFPE
Diretor Secretário	Gustavo Zen de Figueiredo Neves	USP São Carlos
Diretor Tesoureiro	José Carlos Ugeda Junior	UFMT
Diretores Científicos	Charlei Aparecido da Silva	UFGD
	Emerson Galvani	USP
	Valdir Steinke	UNB
Conselho Deliberativo Titulares	Fábio Sanches	UFJF
	Nubia Beray Armond	UFRJ
	Paulo Cesar Zangalli Junior	UFBA
	Vinicius Machado Rocha	UFRB
Suplentes	Antonio Carlos da Silva Oscar Júnior	UERJ
	Juliana Maria Oliveira Silva	URCA
	Karime Pechutti Fante	IFSP São Carlos
	Natacha Cíntia Regina Aleixo	UFAM
Conselho Fiscal Titulares	Cássia Castro Martins Ferreira	UFJF
	Mitchel Druz Hiera	UEL
	Pedro Germano dos Santos Murara	UFFS
Suplentes	Erika Collischonn	UFPEL
	Maria Elisa Zanella	UFC
	Marcelo de Oliveira Moura	UFPB

Fonte: ABClima (2019).

Enfim, gostaria de terminar esta primeira parte agradecendo e dando luz aos discentes do curso de Geografia, que muito auxiliaram os coordenadores do evento, bem como às Professoras Maria Aparecida de Almeida e_Gisele Barbosa dos Santos, ambas pertencentes ao Departamento de Geociências/Curso de Geografia, que muito trabalharam e se dedicaram para que os horários fossem cumpridos à risca e que as chaves das salas do ICH não desaparecessem a cada troca da equipe de monitores.

Essa dedicação criou uma atmosfera de tranquilidade, simplicidade, sem perder a qualidade técnica e científica, demonstrando que é possível fazer uma ciência

séria e competente, mesmo com todos os obstáculos e problemas que vivenciamos nas universidades públicas de nosso território nacional.

Aos monitores, aqui cabe a lembrança (Figura 2), que se eternizará no coração de todos da equipe, apesar de apresentar apenas uma amostra da equipe, que muito se esforçou para engrandecer o evento, que teve um ar singelo e aconchegante, com boas discussões e debates científicos.

Figura 2 - Equipe do XIII Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica.



Disponível em: < https://www.facebook.com/abclimatologia/photos/a.967505200114129/968562213341761/?type=3&theater>. Acesso em 29 mai. 2019.

Já na sessão de homenagens, última atividade do evento, desta vez prestou-se homenagem ao Prof. Luís Alberto Martins, que muito contribuiu para a formação e desenvolvimento do Departamento de Geografia e das pesquisas climatológicas na UFJF, como a formação do Laboratório de Climatologia e Análise Ambiental (LCAA).

Um momento emocionante do Simpósio foi a homenagem prestada as Professoras Magaly Mendonça e Zilda de Fátima Mariano, que nos deixaram de maneira repentina. A saudade de vocês jamais deixará de existir, mas sempre estarão, sempre, vivas nos corações e mentes.

Antes do início das falas do Prof. Dr. Pedro Murara (UFFS) e da Profa. Dra. Gislaine Cristina Luiz (UFG), que discorreram suas lembranças das professoras, um

vídeo produzido pela ABClima e a Comissão organizadora local foi apresentado, lembrando alguns momentos dessas magníficas pessoas. Muita saudade elas deixaram em seus amigos, que, no mínimo podem repetir o primeiro trecho do poema de Carlos Drummond de Andrade, chamado "A um ausente[3]" que diz:

Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompeste
e sem te despedires foste embora.

Mas, acredito que gostariam de ouvir que seus amigos cantarolassem a letra de Gonzaguinha, que se intitula: Acredito na rapaziada, que na sua primeira estrofe diz:

Eu apenas queria que você soubesse
Que aquela alegria ainda está comigo
E que a minha ternura não ficou na estrada
Não ficou no tempo presa na poeira

EM UM SEGUNDO MOMENTO: A PRODUÇÃO DA CLIMATOLOGIA GEOGRÁFICA BRASILEIRA

O SBCG sempre buscou contribuir para debates concernentes à Climatologia Geográfica, estabelecendo diálogo entre teoria e prática. Seu propósito foi, também, o de transpor barreiras de linguagens entre o Ensino Básico com o Ensino Superior. Por isso mesmo, no seu público-alvo tem-se a presença de licenciandos, pós-graduandos, professores universitários e escolares, conforme colocado por Galvani e Lima (2007). Neste momento, este pequeno ensaio propõe-se a analisar o estado da arte da produção da Climatologia Geográfica brasileira, no contexto do SBCG-Juiz de Fora, abarcando, para isso, uma estratégia de definição do perfil das pesquisas a partir da ferramenta denominada nuvem de palavras, onde as palavras-chave, identificadas nos trabalhos publicados nos anais foram utilizadas como referência. Com essa técnica, buscou-se identificar as palavras norteadoras das pesquisas. Em relação às análises desse quadro, o leitor pode tirar suas próprias considerações do atual estado da arte da Climatologia Geográfica brasileira (Figura 3 e Tabela 4).

[3] A um ausente é um poema do livro póstumo Farewell, que o autor Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1987.

O maior número de trabalhos foram apresentados nos eixos temáticos 2 (Clima urbano) e 5 (Variabilidade, mudanças climáticas e eventos extremos), em que os conceitos mudanças climáticas globais e locais foram discutidos pelos diversos autores. O amplo espaço conferido às mudanças climáticas, principalmente no eixo 5, demonstra o interesse da comunidade geográfica nas discussões e pesquisas desenvolvidas, em escalas superiores. Tanto assim que a conferência de encerramento abordou tal temática por meio das teleconexões. Todavia, quando se observa ainda as palavras-chave, o meio urbano ainda aparece em destaque. Segundo Silva *et al.* (1999), ao analisar os estudos de Climatologia nos Simpósios Brasileiros de Geografia Física (2001 a 2005) e Congressos Brasileiros de Meteorologia (2002 e 2004), identificaram que os estudos acerca do clima urbano são mais recorrentes, sendo os Estados de São Paulo, Pará e Alagoas os maiores produtores na área de Climatologia, correspondendo, juntos, a quase um terço das produções, cujas instituições são a USP, UFPA e UFAL em destaque. Cabe aqui salientar que o levantamento dos autores considera apenas os eventos da Meteorologia e, por conseguinte, isso reflete nas instituições com maiores produções, com a UFPA e a UFAL, que, segundo a Figura 4, não registram cidades, junto com o Amapá, os Estados que não apresentam nenhum estudo nos SBCGs.

Tabela 4 - Eixos temáticos e a palavra chave predominante

Eixos	Palavra chave
1 - Teoria e método em climatologia	Análise
2 - Climatologia urbana	Urbano
3 - Climatologia regional e agroclimatologia	Temperatura
4 - Ensino de climatologia	Climatologia
5 - Variabilidade, mudanças climáticas e eventos extremos	Evento extremo
6 - Técnicas e tecnologias aplicadas à climatologia	Temperatura
7 - Clima, saúde e qualidade de vida	Clima
8 - Modelagem aplicada a climatologia	Precipitação
9 - Climatologia: Temas transversais e contemporâneos	Ar
Todos os Eixos	Urbano

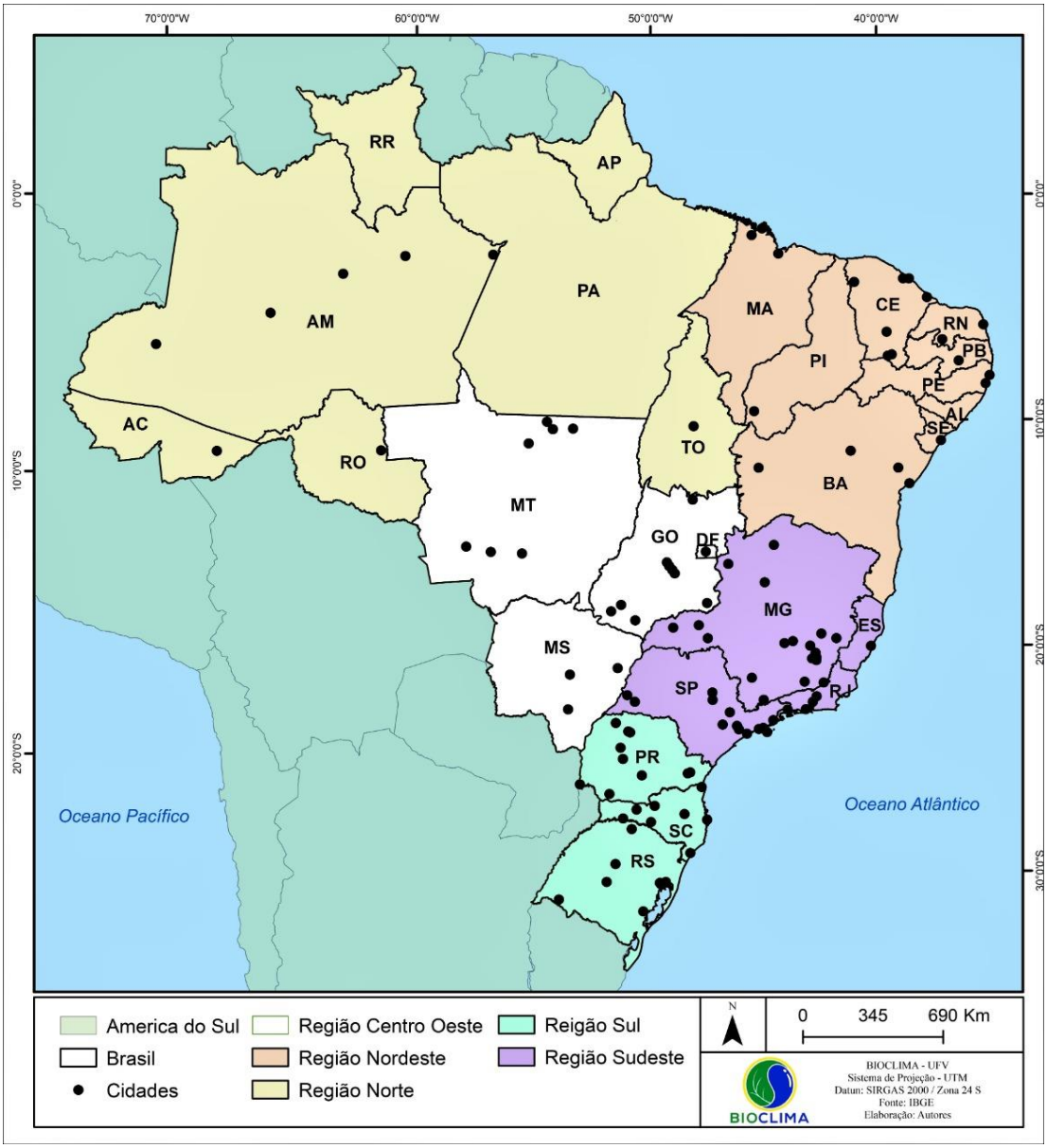
Figura 3 - Nuvem de palavras dos eixos temáticos do XII SBCG.



Organizado por Edson soares Fialho (2018).

Fonte: Anais dos trabalhos publicados durante o a SBCG-2018.

Figura 4 - Distribuição espacial das cidades que foram utilizadas como área de estudo nos Anais do XIII SBCG, 2018.



Organizado por Wemerson Diascanio Oliveira

Fonte: Anais do SBCG (2018).

Em um segundo nível de comparação com os levantamentos de estudos por região, apresentados ao longo dos simpósios, Fialho (2010) constata que as regiões Nordeste e Centro-Oeste sempre tiveram pouca participação e publicação de trabalhos (Tabela 5).

Tabela 5 - Divisão regional de trabalhos nos SBCGs (1992 a 2008) em porcentagem.

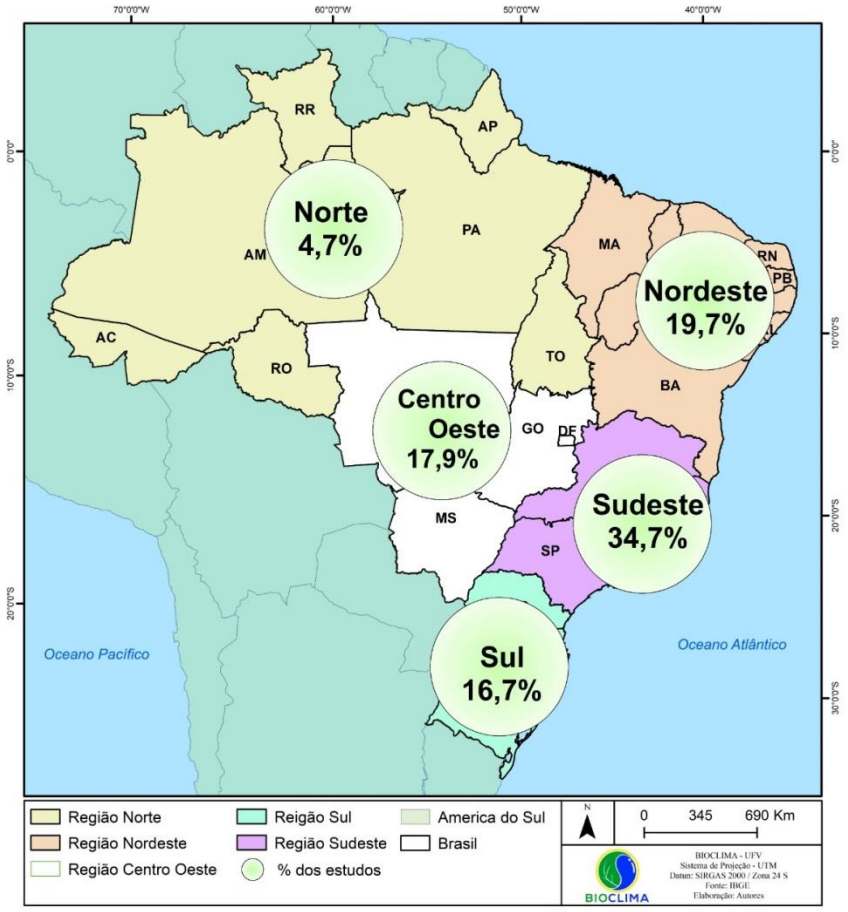
Regiões	1992	1996	1998	2000	2002	2004	2006	2008
Sul	25	24	10	18	35	21	23	20
Sudeste	54	50	47	62	47	46	38	52
Nordeste	8	4	26	9	7	17	9	10
Centro-Oeste	5	13	1	8	8	12	25	12
Norte	7	8	15	1	3	2	5	5

Fonte: FIALHO (2010, p. 205).

Porém, quando se observa a Figura 5, identifica-se um crescimento do número de trabalhos sobre a região Nordeste e Centro-Oeste, descontando o fato da influência da cidade-sede, que quase sempre impacta positivamente o número de trabalhos publicados e apresentados da região na qual está inserida.

Figura 5 - Distribuição percentual regional das cidades estudadas no XIII SBCG-2018.

Organizado por Wemerson Diascanio Oliveira



Fonte: Anais do SBCG (2018)

Pode-se citar que os fatores responsáveis por esse novo cenário seriam: primeiro, aumento de Programas de Pós-graduação em Geografia e, consequentemente, de alunos; segundo, a contratação por concurso de professores novos, em decorrência da aposentadoria. (esclareço que no funcionalismo público esse processo pode demorar anos); terceiro, o surgimento de novas universidades públicas.

E por fim, e não menos importante, a política de expansão das universidades e de vagas novas para docentes e discentes. O resultado disso é a ampliação dos cursos superiores, que consegue se interiorizar e atender um maior contingente da população jovem, apesar de muito ainda estar por ser realizado.

Um argumento que valoriza a política de expansão da pós-graduação pode ser observado na Tabela 6, que apresenta os trabalhos premiados no evento e, na

mesma, pode ser constatado que todas as regiões foram contempladas, o que mostra o poder de melhoramento da formação profissional através dos Programas de Pós-graduação.

Tabela 6 - Trabalhos premiados no XIII Simpósio Brasileiro de Climatologia – SBCG.

Autores	Trabalhos	Região
Liliane F. G. da Silva; Lucas B. e Souza	Seleção de períodos-padrão para análise rítmica microclimática em estudos de conforto térmico.	Norte
Francisco J. Castelhano	Ozônio troposférico e mudanças climáticas: evidências introdutórias em Curitiba/PR.	Sul
Steffanny C. P. Santos; Charlei A. da Silva; Vladimir A. dos Santos	Alterações e derivações do clima urbano e suas relações com aspectos socioeconômicos: Variações termohígricas nos conjuntos habtacionais Deoclécio Artuzzi I, Deoclécio Artuzzi III e Harrison de F. III.	Centro-Oeste
Michaela C. e Silva; Thiago A. de Oliveira; Yan C. Gomes Viana,; Cássia C. M. Ferreira	Diferenças térmicas no município de Juiz de Fora- MG: estudo de caso na zona sul da cidade a partir de modelos geoespaciais.	Sudeste
Ivamauro A. S. Silva Dirce M. Suertegaray	Arenização no Brasil: um comparativo com as variações climáticas regionais.	Sul
Hugo L. S. de Melo; Rafael V. S. José; Kezia A. A.; Roberto Greco	Dialogando com ensino de climatologia e a prática didática na geografia.	Sudeste
Adriane A. Pereira; Aparecido R. Andrade	Distribuição temporal e espacial de períodos anômalos de precipitação na região centro-sul do Paraná.	Sul
Venisse Schossler; Francisco E. Aquino Pedro A. dos Reis; Jefferson C. Simões	Anomalias da circulação atmosférica antártica na primavera de 2016 como indutoras de uma ciclogênese explosiva no rio grande do sul.	Sul
Bruno C. dos Santos; Mauricio Sanches D. Silva; Isabela Taici Lopes Gonçalves Horta; Adriano R. Bruno Tech	Análise do efeito orográfico na distribuição espacial das chuvas no município de Itirapina-SP.	Sudeste
Heitor S. de Farias	Análise da qualidade do ar na RMRJ.	Sudeste
Vinícius M. Rocha; Francis W. S. Correia; Weslley Brito Gomes, Leonardo A. Vergasta	Avaliação da precipitação na amazônia simulada pelo modelo eta-hadgem2-es no período de 1985 a 2005.	Nordeste
Thiago Y. K. Kayano Gustavo Z. F. Neves, Francisco A. S. Vecchia	Cobertura e fachada verde: análise de episódio climático representativo de calor em células de testes.	Sudeste

Organizado pelos autores.

Fonte: Comitê científico do XIII SBCG (2018).

Cabe destacar que os autores dos trabalhos premiados (Tabela 7) receberam como prêmio uma obra referente à publicação do I Prêmio Brasileiro de Fotogeografia[4], que foram doadas à organização do evento. Além de serem selecionados para publicar na revista de Geografia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Tabela 7 - Lista de Professores Homenageados no SBCG.

Ano	Cidade	Ano	.Homenageados
IV SBCG	Rio de Janeiro-RJ	2000	Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (Recebeu o título Honoris Causa da UFRJ).
V SBCG	Curitiba-PR	2002	José Bueno Conti
VI SBCG	Aracajú-SE	2004	Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro
VII SBCG	Rondonópolis-MT	2006	Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro pelos 30 anos da publicação de Teoria e Clima urbano.
VIII SBCG	Alto do Caparaó-MG	2008	Gil Sodero Tadeu
IX SBCG	Fortaleza-CE	2010	Ana Maria de Paiva Macedo Brandão
X SBCG	Manaus-AM	2012	Neyde Maria Santos Gonçalves e Leonor Marcon Silveira (*in memorian*)
XI SBCG	Curitiba-PR	2014	João Afonso Zavatini e Maria das Graças Sartori (*in memorian*)
XII SBCG	Goiânia-GO	2016	Magda Adelaide Lombardo; Gilda Tomasini Maitelli Eduardo Assad
XIII SBCG	Juiz de Fora-MG	2018	Luís Alberto Martins, Magaly Mondonça (*in memorian*) e Zilda de Fátima Mariano (*in memorian*)

Organizado pelo autor.

Fonte: Comitê Científico - XIII SBCG (2018).

REFLETINDO O FUTURO PARA CONTINUAR...

Na apresentação do SBCG-2018, cujo tema central foi**:** "A Climatologia Geográfica Brasileira: o ensino, os métodos, as técnicas e os desafios para o século XXI", segue o propósito da Climatologia Geográfica, uma vez que seus objetivos e propósitos vão à direção de trazer para o escopo da Geografia o conhecimento climatológico necessário para as diferentes categorias de análise de nossa ciência, conforme Sant'Anna Neto (2002, p. 326).

Entretanto, há uma tendência mundial do uso da linguagem estatística e de modelagem de processos em microescala, a Climatologia Geográfica, que apesar de ser

[4] O I PRÊMIO BRASILEIRO DE FOTOGEOGRAFIA é uma iniciativa do Laboratório de Geoiconografia e de multimídias – LAGIM, vinculado ao Departamento de Geografia da Universidade de Brasília – UnB, cujo tem em 2015, foi Paisagens Brasileiras**.**

caro à Geografia, não pode estar alheio ao conhecimento produzido pelos meteorologistas, engenheiros, arquitetos e agrônomos sob pena de não avançar no debate científico. Outro ponto a pensar se refere ao método de análise rítmica, base do surgimento de uma geração de pesquisadores em Climatologia Geográfica, atualmente, tem sido pouco adotado, mesmo com os avanços tecnológicos. E fica a questão: o que tem levado a isso?

Neste evento, como eixo orientador, destaco a conferência de abertura do Prof. Hugo Romero, que em sua fala entusiasmou o público ao dizer que: "...*Temos que manter a esperança no futuro*...". Como contextualizou a América Latina deve resistir às lógicas e interesses não locais, que promovem o surgimento de tensões entre as populações tradicionais e as empresas multinacionais.

Para resistir, se faz necessário, segundo o próprio conferencista, dar o testemunho vivo do sofrimento da população, gerar mais e melhor conhecimento geográfico e acreditar na democracia. Com essa colocação, acredito que o Simpósio deva abrir espaço para a população atingida pelos processos que acarretam a piora da qualidade de vida e até a sobrevivência das populações vulneráveis (indígenas, quilombolas e movimentos sociais), que são os novos atores da produção da ciência e meramente o objeto de estudo.

A perspectiva da conferência do Professor Hugo se enquadra dentro da nova tendência da Geografia Física, que busca compreender os problemas complexos que caracterizam nosso mundo e que se manifestam em ações e paisagens geográficas específicas, tal como ocorre com a exploração de minerais de lítio no Salar de Atacama, conforme exemplo apresentado durante a conferência de abertura. Esta nova forma de fazer Geografia Física, pautada na participação dos saberes vernaculares e a academia, integra os atores sociais envolvidos nos impactos ambientais, os elementos geobiofísicos do território, conjuntamente com as expressões culturais e sociopolíticas, levando em conta a forma de produzir conhecimentos e compreender seu significado por parte das comunidades locais. Esta nova Geografia Física, denominada também Geografia Física crítica (TADAKI; VAN DICK, 2014 e TADAKIS, 2017), propõe conceitos como topoclimatologia cultural e sociogeomorfologia como construções híbridas que pretendem elaborar conhecimentos a partir de perspectivas complexas e amplas.

Os propósitos destas aproximações consistem, segundo o Prof. Dr. Hugo Romero, solidificar a condição da Geografia como ciência social. A Geografia Física crítica não significa apenas uma tentativa de renovar a disciplina, mas também de dotá-la de um autêntico sentido social que, sobre a base de princípios e valores humanísticos, contribua para confrontar modelos de desenvolvimento que eliminam os valores da virtude, solidariedade, reciprocidade, justiça e equidade.

Esses valores caracterizam as relações entre os seres humanos e não-humanos de paisagens indígenas, que vêm sendo paulatinamente extintas nos territórios andinos. E acredito que a comunidade de climatólogos do Brasil deva ampliar seus horizontes não apenas no que se refere à incorporação de uma perspectiva reflexiva, mas também ampliar o nosso intercâmbio.

O SBCG ainda não conseguiu expandir suas fronteiras e devemos começar a nos esforçar em abrir novas possibilidades de diálogo com nossos vizinhos da América Latina. E ao findar dessa jornada, espero que nos encontremos no próximo SBCG em João Pessoa, em 2020, com a esperança em um porvir melhor.

Afinal segundo Augusto dos Anjos[5]

A Esperança não murcha, ela não cansa,
Também como ela não sucumbe à crença,
Vão-se sonhos nas asas da descrença,
Voltam sonhos nas asas da esperança.

REFERÊNCIAS

DOYLE, M. N.; JULIAN, J. P. He most cited works in Geomorphology. **Geomorphology**, New York, v. 72, n. 2, p. 238-249, 2005.

FIALHO, E. S. A pesquisa climatológica realizada por geógrafos brasileiros. **Revista Brasileira de Climatologia**, Presidente Prudente, ano 6, v. 6, p. 193-212, 2010.

FIALHO, E. S. Notas sobre o IX Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica. **Revista Geousp – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 163-165, 2011.

FIALHO, E. S. Manaus + 20: concretizações e perspectivas após 20 anos de construção do simpósio brasileiro de climatologia geográfica (1992-2012). **Revista Geousp – Espaço e Tempo**, São Paulo, v.18, n. 1, p. 230-231, 2014.

[5] Poema publicado em sua obra "Eu" editada por ele mesmo em 1912.

GALVANI, E.; LIMA, N. G. B. VII Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica – SBCG 2006. **Revista Geousp – Espaço e Tempo**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 67-68, 2007.

SANT'ANNA NETO, J. L. A análise geográfica do clima: produção de conhecimento e considerações sobre o ensino. **Geografia**, Londrina, v. 11, n. 2, p. 321-328, 2002.

SILVA, L. S.; ABREU, M. L.; SALGADO, A. R. O estado da arte da produção científica brasileira em Climatologia no início do século XXI. in: SIMPOSIO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA FISICA, ***Anais..,*** 2009. Viçosa-MG. Disponível em <http://www.geomorfologia.ufv.br/simposio/simposio/trabalhos/trabalhos_completos/eixo8/032.pdf>. Acesso em 8 abr. 2019.

TADAKI, M. VAN DICK, C. Intervention: Critical Physical Geography. **The Canadian Geographer**, Ontário, v. 58, n. 1, p. 1-10, 2014.

TADAKI, M. Rethinkingthe role of critique in physicalgeography. **The Canadian Geographer**, Ontário, v. 61, n. 1, p. 73-83, 2017

THOMAS, E. L. Avaliação quali-quantitativa sobre a produção científica na pós-graduação em Geografia. **Revista de Geografia**, Londrina, v. 20, n. 1, p. 189-197, 2011.

ZAVATINI, J. A. Breves notas sobre o IV Simpósio Brasileiro de Climatologia Geográfica. **Revista Geografia**, Rio Claro-SP, v. 25, n. 3. P. 85-87, 2000.

Recebido para publicação em abril de 2019

Aceito para publicação em julho de 2019